

O HOMEM E O AMBIENTE NO LESTE DE TIMOR

Sendo tão poucos os trabalhos científicos sobre Timor, caso é para nos felicitar-mos quando algo de novo aparece; sobretudo se o que aparece é um trabalho com a seriedade e a profundidade do presente (1).

Geógrafo e economista diplomado pela Universidade de Heidelberg, de cujo Departamento de Geografia (Instituto do Sueste Asiático) é hoje investigador, JOACHIM METZNER fez os seus trabalhos de campo em Timor, de Agosto de 1969 a Janeiro de 1971. A presente obra é o fruto dessas investigações, completadas pela leitura exaustiva de quase tudo o que sobre Timor há publicado, e mesmo alguns estudos e relatórios ainda inéditos.

Pena é que o trabalho não tenha tido por objecto a totalidade do território de Timor Oriental. É verdade que sobre tão vasta área um estudo da minúcia do presente seria extremamente moroso; por isso preferiu o autor tomar como amostra uma zona restrita e estudá-la exaustivamente. A área escolhida foi uma faixa de costa a costa, coincidindo aproximadamente com os concelhos de Baucau e Viqueque — suficientemente diferenciada dos pontos de vista climático, geológico e de geografia humana para que as conclusões a que chega possam de certo modo ser extrapoladas e adquirir um significado que transcende a de um mero estudo de geografia local. A área estudada estende-se, de facto, da costa norte, relativamente seca e medianamente povoada, com alguns vales fluviais favoráveis à orizicultura intensiva, às planícies da costa sul, de clima quente, com duas épocas de chuva no ano, mas pouco povoadas e insuficientemente aproveitadas porque infestadas pela malária; entre uma e outra costa, o planalto de Baucau, de caracteres específicos e as terras altas da cordilheira central (culminando a 1769 m no monte Mundo Perdido), copiosamente regadas pelas chuvas e com uma densidade de população que, para a tecnologia empregada, ultrapassa já em várias zonas, como a de Quelicai, o limiar do superpovoamento.

A conclusão fundamental do autor pode resumir-se como se segue: os timorenses desenvolveram uma civilização agrícola admiravelmente adaptadas às características do meio físico da ilha e às irregularidades do seu clima, mas de nível tecnológico pouco elevado e sem dinamismo interno para rapidamente poder evoluir e adaptar-se a novas condições. Com tal tecnologia os recursos locais não podiam alimentar senão um dado quantitativo populacional — mas o limiar crítico não o deixavam ultrapassar as contínuas guerras intestinas, as epidemias, a mortalidade infantil. A colonização portuguesa — uma colonização arcaizante, quase incipiente, mais religiosa e administrativa que económica —, pacificando a ilha e melhorando as condições sanitárias, permitiu um rápido crescimento demográfico, sem, contudo, promover um desenvolvimento tecno-

lógico capaz de criar as condições mínimas para que o excedente populacional assim gerado pudesse ser alimentado em novos moldes. Em tais circunstâncias não houve outra solução senão o aumento da área cultivada (estendendo-se, frequentemente, a terrenos impróprios) e a redução ou supressão dos pousios — essenciais no tipo de agricultura sobre queimadas predominante em Timor. Daí uma exaustão dos terrenos e uma aceleração da erosão que, se não contrariadas a tempo, levarão a uma degradação irreversível do meio natural.

Seríamos tentados a exprimir essa ruptura de equilíbrio por meio de uma expressão algébrica — que não pretende, naturalmente, ser uma fórmula operacional, já que algumas das suas variáveis não são directamente quantificáveis:

$$c = \frac{r \cdot t}{n \cdot p}$$

em que r representa os recursos naturais disponíveis, t um coeficiente de desenvolvimento tecnológico, n as necessidades de consumo individual, p o quantitativo populacional; a razão c poderíamos chamar «coeficiente de satisfação das necessidades». Crescendo, por virtude do acréscimo de p (e, parcialmente, também do de n , devido à aculturação e à consequente alteração dos padrões de consumo), o denominador da fracção, mas mantendo-se inalterado o factor t , o equilíbrio só pode ser obtido ou através da compressão do consumo individual (cuja elasticidade é diminuta para valores de n muito próximos do mínimo vital, como é o caso), ou do alargamento artificial de r por uma exploração intensiva, que, incontrolada, conduz à sua exaustão (2).

Este é o cerne do problema, reduzido à sua seca simplicidade aritmética; bem mais complexo é, porém, quando analisado em pormenor — pois que, como em todos os problemas humanos, são inúmeras, e por vezes imponderáveis, as variáveis que intervêm. Um dos méritos da obra de METZNER é, exactamente, o de não limitar a sua análise aos factores técnicos, mas entrar em linha de conta com dados de natureza social, política, cultural, etc. Dêmos dois exemplos. A elevada densidade de gado bufalino — utilizado praticamente apenas durante alguns dias no ano, para a lavra dos arrozais, mas, paradoxalmente, superabundante sobretudo em áreas em que os arrozais são escassos — não se explica senão por ser esse o tradicional padrão de riqueza e a moeda em que se paga o barlaque, ou «preço da noiva», do casamento segundo os usos e costumes. Daí uma imensa dificuldade em o substituir por gado vacum, mais fecundo, produtor de melhor carne e menos dizimante das pastagens porque mais sóbrio. Semelhantemente, as diferenças, por vezes notórias, de densidade de população entre sucros vizinhos, explicam-se, em boa parte, pela rigidez do sistema administrativo e tributário; outrora o imposto ou finta era pago colectivamente à administração portuguesa

(1) JOACHIM K. METZNER, *Man and environment in Eastern Timor*, xxx+380 p., com mapas, gráficos e ilustrações, Development Studies Centre, Monograph n.º 8, The Australian National University, Canberra, 1977.

(2) Expusemos este raciocínio num artigo de carácter divulgativo publicado na *Revista Militar* de Agosto-Setembro de 1974, com o título «O Problema Económico de Timor», em que, a despeito da metodologia empírica utilizada, chegávamos praticamente à mesma conclusão que o autor.

por cada reino ⁽³⁾, pagando cada indivíduo ao seu régulo um tributo em géneros, o *rai téen*, cobrado em função da área que ocupasse para cultivo; mas em 1912 o Governador Filomeno da Câmara substituiu a finta por um imposto de capitação pago indistintamente por todos e directamente ao Estado, que por sua vez concede aos régulos e chefes de suco uma percentagem fixa, proporcional ao número de habitantes de cada suco, mas calculados pelo suco de origem e não pelo de residência efectiva — de onde uma total falta de motivação dos chefes para atraírem novos moradores e assim procederem naturalmente a uma redistribuição espacial da população.

Extremamente rica em mapas, gráficos e quadros que a tornam clara e de fácil leitura a despeito da sua densidade, a obra consta de cinco capítulos. No primeiro (*Population, administration and settlement*) resumem-se os grandes traços da história de Timor, relevantes para a compreensão do problema em estudo, os caracteres da organização social nativa e os da estrutura administrativa que se lhe sobrepôs e a integra, bem como a distribuição geográfica da população. É o menor dos capítulos da obra (19 páginas) e o que mais se lamenta não ter sido um pouco mais desenvolvido, pois algo mais se poderia dizer. Ao que fica dito apenas farei duas pequenas observações: primeira, que a extinção dos reinos por Filomeno da Câmara, em 1912 (a que o autor alude na página 12), não é um facto geral: se na área estudada todos os antigos reinos se encontram, de facto, desmembrados em «sucos independentes», noutras regiões (particularmente junto à fronteira indonésia) os regulados subsistem — havendo mesmo alguns de criação recente, como o de Hau-bá, criado em 1952 a pedido das populações de quatro sucos que decidiram federar-se; segunda, que me não parece seguro que a chefia dual dos sucos seja um facto absolutamente geral, nem sobretudo que o «chefe de suco» sancionado pela administração portuguesa não coincida nunca com um dos dois chefes tradicionais, o *macair fucun* e o *dato uain*.

No segundo capítulo (*The physical factors of the environment*), de carácter mais técnico, são estudados o relevo, os vários tipos de solos com o potencial agrícola de cada um, o clima e as diferentes formações vegetais a que dá origem. Fica-se com a noção de que a actividade agrícola decorre dentro de um condicionalismo deveras estreito, devido à pobreza da maior parte dos solos, aliada às irregularidades de um clima aleatório e marcado pelo contraste profundo entre uma estação de pronunciada seca e períodos de chuvas torrenciais, de efeitos muitas vezes destruidores (pelo menos as chuvas de convexão da primeira época chuvosa, concentradas no princípio da tarde, já que as da segunda — que só afecta a vertente sul — são predominantemente chuvas de relevo, miúdas e mais distribuídas ao longo do dia). Tal estreiteza de condições, se por um lado funcionou como estímulo para uma intensa adaptação

⁽³⁾ Tradicionalmente o território de Timor divide-se em reinos ou regulados que se subdividem em sucos e estes, por sua vez, em povoações. A divisão colonial em concelhos e postos sobrepôs-se aquela, integrando-a.

ao ambiente, por outro torna-se limitadora de qualquer tentativa de reformulação ou projecto de desenvolvimento que não assente num sólido conhecimento científico do meio — o que explica o fracasso da maior parte dos ensaios pontuais levados a cabo neste ou naquele sector, como o autor demonstra em vários passos.

No capítulo imediato (*Types of land use and land ownership*) são analisados os diversos processos de cultivo (de que os fundamentais são, como em toda a Ásia do Sueste, a agricultura sobre queimadas — *to'os*, em tétum — e a cultura do arroz em várzeas inundadas — *nátar*), a criação de gado e o regime (semicomunitário) de propriedade do solo, com as suas implicações no desenvolvimento agrícola.

O autor mostra como a pressão demográfica vem provocando uma crescente preferência, dentro dos processos tradicionais de cultivo, pelos que permitem um maior rendimento por hectare: no caso das hortas (*to'os*), o *fila rai* (em que a terra, perfurada por uma equipa de 6 a 8 pessoas munidas de paus aguçados, é cortada em placas e virada) tende a substituir o *lere rai* (em que a terra é meramente furada, lançando-se nos buracos a semente), a despeito de consumir 18 a 20 vezes mais mão-de-obra; no caso das várzeas (*nátar*), a sementeira a lanço começa a ceder lugar à transplantação (que com cerca de 40 % da semente empregada para a mesma área cultivada produz colheitas 3 a 6 vezes superiores, mas consome 50 a 100 vezes mais horas de trabalho). O autor não efectua os custos de produção médios por quilo de produto final num e noutro caso; mas é evidente que o aumento de produção não é proporcional ao da utilização de mão-de-obra, pelo que as técnicas mais evoluídas conduzem, paradoxalmente, a custos de produção mais elevados. Mas o absurdo é apenas aparente; primeiro, porque numa economia de subsistência como a timorense, fracamente monetarizada e caracterizada por uma generalizada situação de subemprego da mão-de-obra, esse aumento de custo é pouco relevante; segundo porque, de qualquer modo, o critério essencial não pode ser o do rendimento imediato, traduzível em relações de preços, mas o da máxima satisfação das necessidades da população sem acarretar o desgaste dos recursos disponíveis.

Aliás, como o autor acentua, os custos de produção podem ser sensivelmente reduzidos mediante a introdução de técnicas tão elementares como o uso do arado de pau — com a vantagem de não provocar, como o pisoteio das várzeas por búfalos, tradicionalmente praticado (*sama natar*), a formação de camadas impermeáveis que impedem a «respiração» do terreno. Com efeito, utilizando o arado, a lavra de um hectare de várzea que hoje exige 10 a 12 dias de trabalho com 3 ou 4 gaiatos e 20 búfalos, pode ser feita por um homem só e uma junta de búfalos em 3 dias. Além de que se poderia assim reduzir o excessivo quantitativo de gado bufalino existente, que é outra fonte de degradação do meio.

É pena que a recollecção de produtos florestais espontâneos nos terrenos baldios, a que no decurso da obra bastas vezes o autor alude, não seja tratada também neste capítulo sob uma forma sistemática.

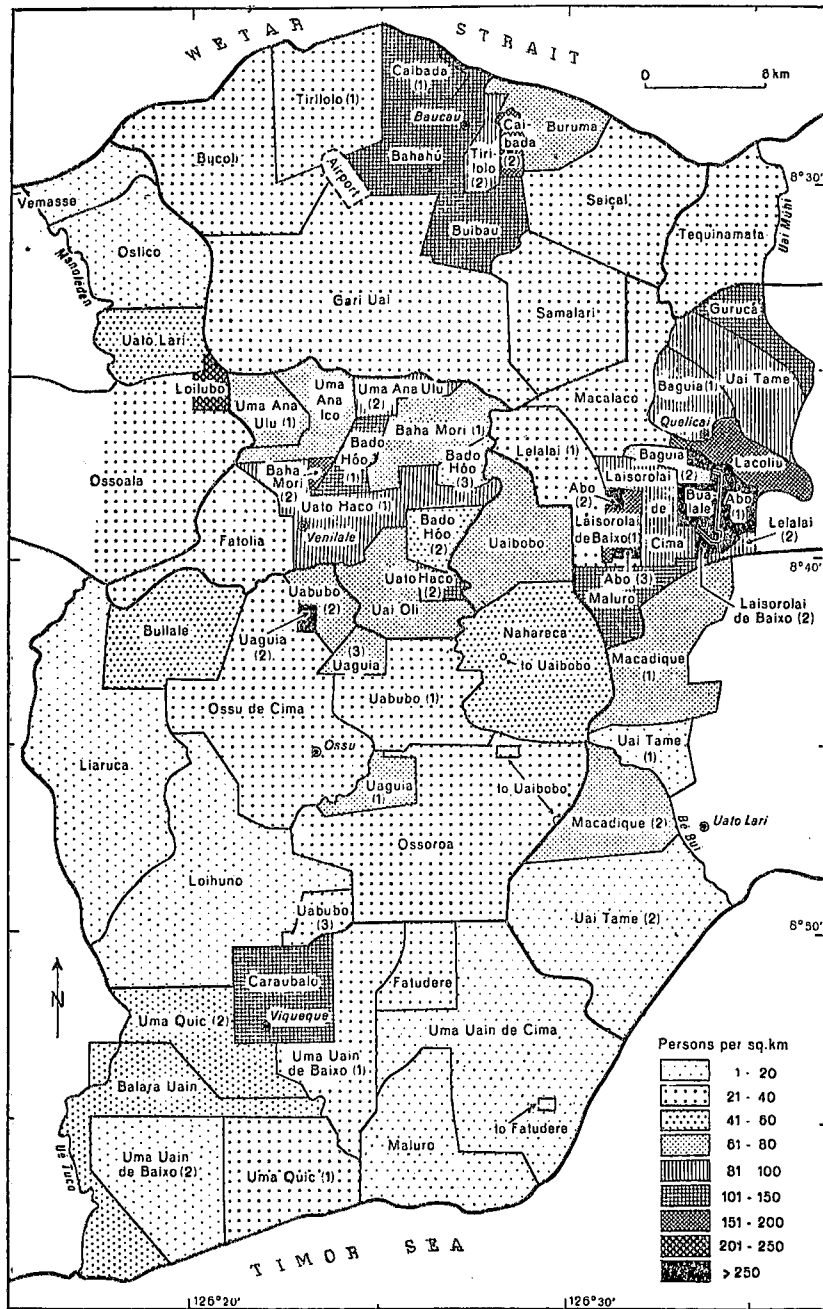


Fig. 1 — Densidade da população por sucus, em 1969.

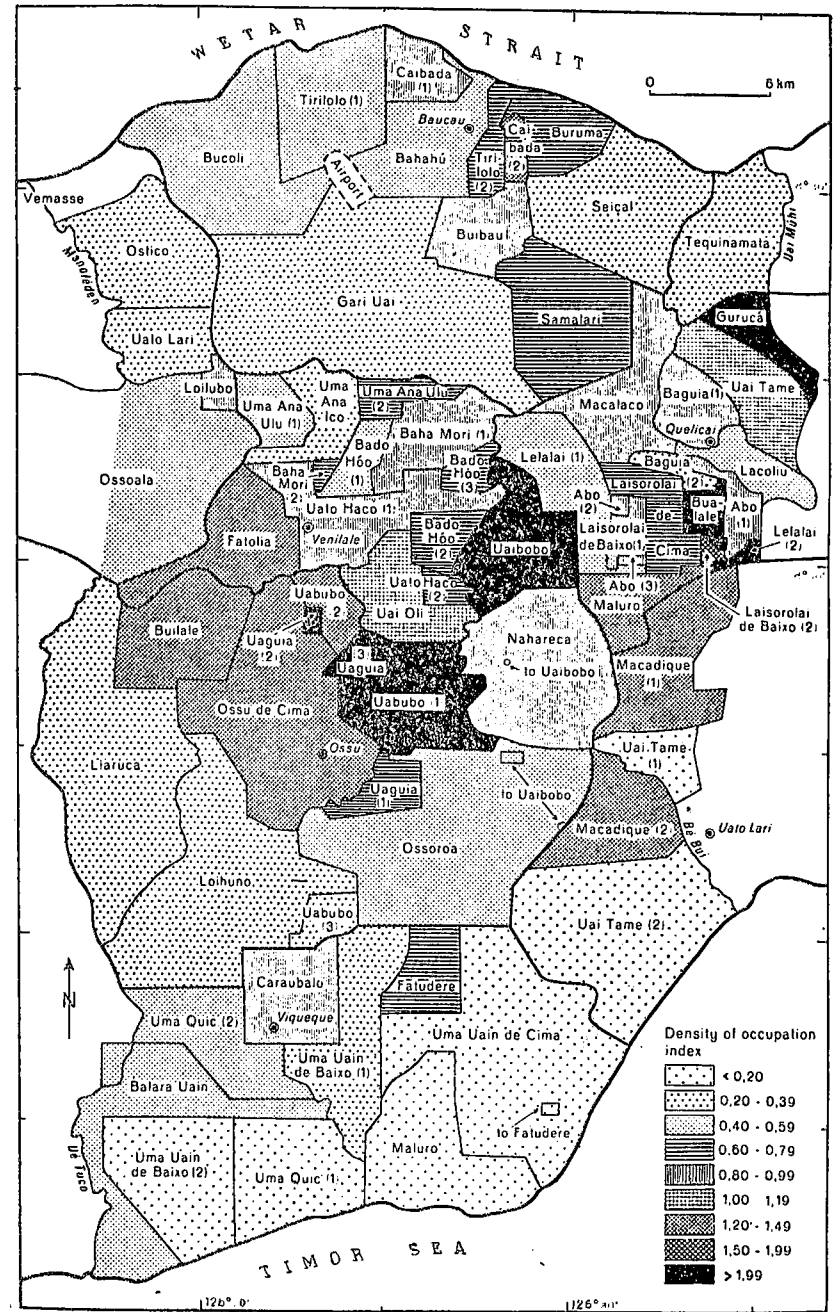


Fig. 2 — Índice de ocupação.

É verdade que tais produtos não desempenham na alimentação um papel importante senão em épocas de crise agrícola; mas produtos como o bambu (que fornece vasilhame, material de construção, canalizações, mobiliário e uma infinidade de utensílios) e as palmeiras *Coripha utan*, *Borassus flabellifer* e *Arenga saccharifera* (de onde se extraem o sagu, a tuaca, a jagra, o gamute, a palapa, a ola para cobrir as casas, etc.) têm na economia das populações rurais timorenses uma importância relevante (4). Seria interessante discutir se o aumento das áreas cultivadas, exigido pelo incremento demográfico, não irá pôr também em perigo os baldios, e, portanto, indirectamente, o artesanato e a construção civil tradicionais — o que, aliado à concorrência de produtos importados e às demais formas de impacto da economia de mercado, constituiria outro factor de transformação da civilização tradicional.

O capítulo IV (*An analysis of the environment in its ecological context*) começa por traçar a distribuição geográfica dos diversos tipos de utilização do solo, relacionando-a com os caracteres das diferentes zonas, fazendo em seguida o mesmo para a criação de gado. Estuda seguidamente o calendário agrícola de cada região — cujos subtis cambiantes mostram, melhor que tudo o mais, a profunda mas delicada adaptação ao meio de que temos falado. Passa seguidamente ao estudo da influência do desenvolvimento do mercado e das comunicações sobre a utilização dos solos, analisando o papel do imposto domiciliário e das cantinas chinas como estimulantes do desenvolvimento de culturas de rendimento. Nesse campo são dignas de nota as tentativas feitas com a copra à volta de Viqueque e sobretudo com o arroz em Uato Lari. A última, mais bem sucedida que a primeira, representa a única experiência válida de colonização das planícies da costa sul — possível devido ao afluxo de mão-de-obra da zona superpovoada de Quelical e à criação de um posto sanitário, que permitiu debelar o principal óbice ao povoamento da região, o paludismo. Isso leva o autor a estudar a correlação entre a ocorrência do paludismo e a distribuição espacial da população — concluindo que é ele o principal responsável pela concentração demográfica nas terras altas e pela deserção do litoral, a despeito das suas boas potencialidades agrícolas (fig. 1).

Na parte final do capítulo, fecho, por assim dizer, de toda a obra, o autor calcula a capacidade demográfica de cada região. Supondo inalterada a tecnologia agrícola actualmente empregada, esta depende essencialmente de três variáveis: percentagem de terra cultivável na superfície total, área média necessária ao sustento de um indivíduo e duração dos pousios. Comparando o resultado assim obtido com a densidade de população efectiva de cada suco, obtém-se um «índice de ocupação», que, surpreendentemente, varia de 0,08 em sucos da costa sul a 5 nas terras altas da região de Quelical (fig. 2). De uma maneira geral todos os sucos da cordilheira central apresentam índices de ocupação superiores à unidade, isto é, ultrapassaram já a densidade de população

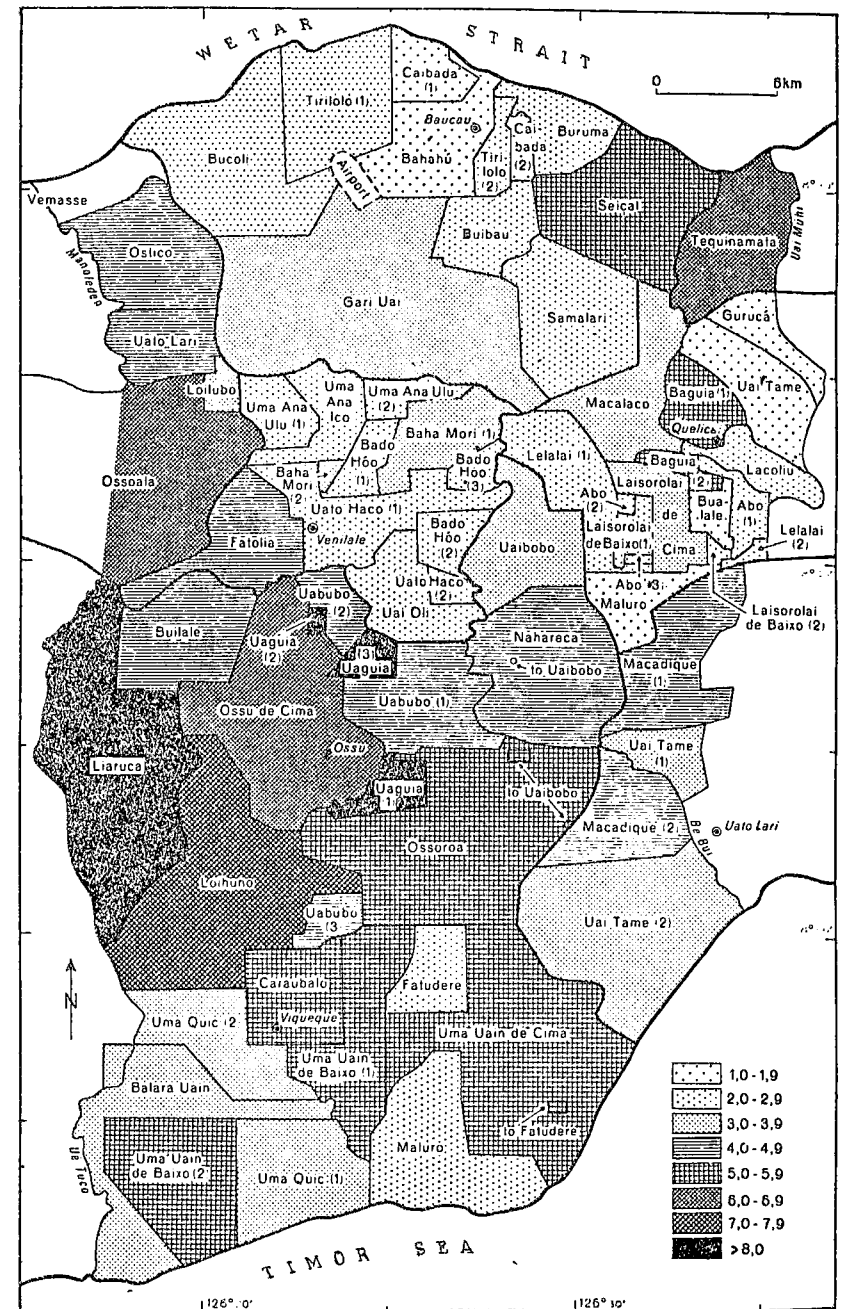


Fig. 3 — Cabeças normais de gado por contribuinte, 1969.

(4) Focámos com mais pormenor este ponto no artigo «Vida Rural Timorense», publicado in *Geographica*, n.º 33, Janeiro de 1973.

crítica; e como em alguns deles a densidade de gado (fig. 3) chega a ser décupla da desejável, fácil se torna compreender como se entrou num processo de degradação do meio, que é imperioso travar enquanto é tempo.

No capítulo V, finalmente (*Aspects of regional planning in the Baucau-Viqueque area*), o autor preconiza as medidas que julga convenientes não simplesmente para aumentar a produção ou acelerar o desenvolvimento económico, mas para elevar o nível de vida das populações sem degradar o ambiente. Daí, três objectivos fundamentais; conservação dos solos, melhoria da agricultura de subsistência e desenvolvimento da produção económica — cuja aplicação estuda primeiro para o conjunto da região e depois área por área.

Estudos sérios, feitos por geógrafos especializados, como o presente, deveriam, de facto, estar na base de todos os planos de desenvolvimento que se façam para áreas como Timor — para que se evitem erros como os que muitas vezes se têm cometido, tanto mais funestos quanto irreparáveis.

Infelizmente no caso de Timor não é de esperar que, pelos tempos mais próximos, haja qualquer possibilidade de trabalho sério e sólido, pelo que, quanto a aplicação na prática, o trabalho de METZNER terá em grande parte sido em vão. Só que, por uma ironia do destino, o problema do superpovoamento deve ter perdido entretanto muito da sua acuidade, já que a guerra e suas sequelas reduziram a cerca de metade o quantitativo da população...

Luis FILIPE F. R. THOMAZ